

Formação, perfil e competências do profissional da Informação

Armando Malheiro da Silva

Departamento de Ciências e Técnicas do Património
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Via Panorâmica, s/n
4150-564 PORTO
Tel: 226077172
E-mail: malheiro@letras.up.pt

Fernanda Ribeiro

Departamento de Ciências e Técnicas do Património
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Via Panorâmica, s/n
4150-564 PORTO
Tel: 226077172
E-mail: fribeiro@letras.up.pt

RESUMO

A partir dos anos setenta do século XX, o desenvolvimento e consagração da Sociedade da Informação trouxeram, inevitavelmente, novos problemas e novos desafios para os profissionais das bibliotecas, dos arquivos, da documentação, dos serviços de informação *latu sensu*. A uma perspectiva tradicional, assente na noção estática de documento (suporte material estável), começou a contrapor-se/sobrepor-se uma outra visão, inequivocamente centrada na Informação, com consequências múltiplas, quer do ponto de vista disciplinar, quer no exercício da profissão, traduzindo-se, a este nível, na necessidade de desenvolver competências mais alargadas e diversas das anteriores.

O novo perfil e os novos modos de actuação do profissional da informação do século XXI requerem, naturalmente, uma formação também ela renovada e redireccionada para as problemáticas do campo científico em que se inserem as disciplinas teórico-práticas que dão suporte a uma área de conhecimento em consolidação, baptizada desde 1958 com o nome de Ciência da Informação.

Neste texto abordam-se as competências requeridas, nos tempos actuais, para o desempenho do profissional da informação, delineando-se um modelo formativo em consonância com uma configuração multifacetada ou poliédrica deste mesmo profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Modelo formativo / Profissional da Informação

1. A DIVERSIDADE DE FORMAÇÃO E DE PER- FIS PROFISSIONAIS EM CONSONÂNCIA COM O SINCRETISMO DO PARADIGMA DOMINANTE

Tornou-se já um lugar-comum falar dos novos problemas e desafios com que se debate o bibliotecário, o arquivista, o documentalista, enfim, o profissional que organiza e gere informação nos mais diversos contextos, pelo facto de ser incontornável a sua inserção na já consagrada Sociedade da Informação. Este epíteto está indelevelmente ligado à revolução tecnológica associada à informação, cujas origens remontam ao século XIX, tendo na base o surgimento do telégrafo, do telefone, da máquina de escrever, da rádio e, posteriormente, do microfilme, da televisão, do computador e das

comunicações por satélite. A partir da década de setenta do século XX, os efeitos da tecnologia acentuaram-se de forma paradigmática, tendo a informação digital tomado conta do quotidiano das pessoas e transformado a vida em sociedade de uma forma muito profunda. Com efeito, o envolvimento da sociedade pelo fenómeno da Informação, em plena simbiose com as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), determina comportamentos, atitudes e fomenta práticas de organização e pesquisa da informação, designadamente na Internet, que não podem ser alheias ao perfil do profissional que, forçosamente, terá de substituir o tradicional bibliotecário / arquivista / documentalista.

A afirmação profissional na área da documentação/informação, sustentada por uma formação específica, teve início em meados de Oitocentos, sendo nas instituições nacionais devotadas à conservação das espécies bibliográficas e arquivísticas que essa mesma formação começou a ser ministrada. As Bibliotecas e os Arquivos Nacionais constituíam os centros privilegiados para formar, pela via da experiência prática, os profissionais destinados a desempenhar funções biblioteconómicas e arquivísticas, que, à época, tinham por objectivo essencial auxiliar os investigadores (especialmente historiadores) na identificação das fontes necessárias aos seus estudos. A par destas instituições também, em diversos países da Europa, uma série de escolas eruditas, inspiradas no modelo francês da École Nationale des Chartes, criada em 1821, formava arquivistas-paleógrafos e bibliotecários, ministrando um ensino em que as disciplinas ditas auxiliares da História como a Paleografia, a Diplomática, a Bibliologia, a Arquivologia, a Sigilografia e outras dominavam os conteúdos curriculares¹. Este modelo historicista marcou profundamente a formação e, no caso português, inspirou a criação do Curso Superior de Bibliotecário Arquivista, instituído por Decreto de 29 de Dezembro de 1887², curso que se manteve fiel à matriz original até à data da sua extinção, quase um século depois (1982).

O paradigma historicista e custodial foi matizado pelo progressivo desenvolvimento da vertente tecnicista (ênfase na normalização e nos procedimentos de tratamento da informação viabilizadores do acesso à mesma), para o que contribuíram, de forma decisiva, as associações profissionais nascidas na segunda metade do

século XIX.

Na Europa, após a criação do Instituto Internacional do Bibliografia (1895), e nos Estados Unidos da América, onde a instituição da ALA (American Library Association) remonta a 1876, as associações de bibliotecários e documentalistas começaram a promover cursos de formação inicial e acções de formação contínua, esforço que se viria a acentuar no período entre as duas guerras mundiais. Exemplos desta actividade podemos encontrá-los em França, através da Association des Bibliothécaires Français (ABF), fundada em 1906, que estabeleceu em Paris uma Escola de Biblioteconomia, destinada a treinar bibliotecários e documentalistas, em conformidade com as novas perspectivas divulgadas por Paul Otlet, em franca expansão na Europa e nos EUA³ ou no Reino Unido, onde a acção da Library Association e da ASLIB se desenvolveu de forma idêntica. Também em França, a Association des Archivistes Français, mais antiga que a ABF, tinha por objectivo assegurar a promoção da profissão de arquivista e ministrava cursos e acções de formação.

Nos Estados Unidos, por via da Special Libraries Association (SLA), estabelecida no seio da American Library Association (ALA) em 1909, do American Documentation Institut (1937), ou ainda da Society of American Archivists (SAA), fundada em 1936, também os cursos de formação profissional de bibliotecários, documentalistas e arquivistas ganharam expressão significativa⁴.

Apesar de, ainda no século XIX, por iniciativa de Melvil Dewey, ter surgido na Universidade de Columbia um curso de formação para bibliotecários⁵ e de, em Itália, nas universidades de Bolonha e Macerata se ter instituído o ensino da Arquivística no âmbito de cursos de Jurisprudência e de História⁶, o ensino universitário destinado a estes profissionais só começa a ganhar algum incremento a partir de 1926⁷ e apenas na década de 40 se pode considerar institucionalizado, quer nos Estados Unidos, quer na Europa. Os cursos médios (*Undergraduate Major in Librarianship*), superiores (*Bachelor's Degree*) e de pós-graduação (*Master Degree*) passam a ser ministrados em diferentes escolas, especialmente nos EUA.

Ao longo da segunda metade do século XX, a explosão da informação científica e técnica e da informação administrativa no contexto das mais diversas organizações, associada ao desenvolvimento da informática, veio provocar mudanças estruturais, quer ao nível da profissão, quer no que toca à formação, quer ainda do ponto de vista disciplinar (afectando a Arquivística, a Biblioteconomia, a Documentação e potenciando a emergência da Ciência da Informação⁸). A crise do paradigma tradicional, centrado no objecto “documento” e numa lógica custodial e tecnicista, voltada essencialmente para as questões do tratamento técnico e da recuperação da informação – numa perspectiva redutora que aliena as problemáticas relativas ao contexto orgânico de génese/produção da informação e aos comportamentos psico-sociológicos inerentes ao uso/pesquisa – potenciou uma mudança paradigmática, perceptível sobretudo através da investigação e literatura

produzidas nos meios universitários, a qual ainda se encontra em curso e em consolidação.

Os tempos actuais são, pois, de crise e de mudança e a diversidade dos perfis profissionais e dos modelos formativos é um sinal inequívoco do sincretismo do paradigma dominante. A literatura sobre a mudança que está em curso, no que toca às competências e ao perfil do profissional da informação, é abundante e os estudos relativos à formação requerida para o exercício da profissão, em todas as suas múltiplas vertentes, são também em número significativo, o que traduz a preocupação em adaptar o ensino aos novos desafios postos pela tecnologia, ou como é já vulgar dizer-se, resultantes da Sociedade da Informação⁹. De um modo geral, as associações profissionais ou as instituições responsáveis pela formação têm procurado, de há alguns anos a esta parte, organizar debates de variado tipo sobre a questão dos perfis e das competências profissionais e a tónica dominante é a de se reconhecer a inevitabilidade da mudança e a necessidade imperiosa de renovar a formação. Portugal não tem sido alheio a estas preocupações e a promoção do debate tem surgido, também entre nós, por parte da associação profissional e de algumas universidades¹⁰.

Numa tentativa de cartografar aquela diversidade e de compreender o porquê do ecletismo que caracteriza a profissão e a formação recorremos a trabalhos de diversas proveniências, que nos permitem ilustrar o ponto de vista que pretendemos apresentar.

Um levantamento não exaustivo, mas a título de amostragem, em diversas fontes de informação (*sites*, revistas da especialidade, estudos monográficos e imprensa periódica de carácter generalista) permitiu-nos identificar uma multiplicidade de designações para o que poderíamos classificar, de forma genérica, como “profissional da informação”¹¹. Esta variedade engloba profissões tradicionais, relativamente reconhecidas socialmente, e novas profissões, que se vêm afirmando sobretudo na última década. Se bem que à diferença de terminologia nem sempre seja possível fazer corresponder igual diferença de perfis e competências, a verdade é que cada designação profissional pretende introduzir *nuances* e especificidades, que tendem a estabelecer uma diferenciação.

Designações mais frequentes para o “profissional da informação”

Administrador de dados	Gestor de conteúdos
Analista de informação	Gestor de documentos
Arquitecto de informação	Gestor de informação
Arquivista	Gestor de recursos de informação
Auditor de sítios web	Gestor de sistemas de informação
Bibliotecário	Informatólogo
Cibertecário	Mediador de informação
Cientista da informação	Produtor de conteúdos digitais
Cientista do conhecimento	Profissional da informação
Consultor em informação	Profissional do conhecimento
Documentalista	Técnico de documentação
Especialista em documentação	Tecnólogo da informação
Especialista em gestão do conhecimento	

Se compararmos esta lista de designações com uma outra, produzida no âmbito de um estudo elaborado por Oswaldo Almeida Júnior¹², e que não inclui as designações atribuídas na área dos arquivos, podemos verificar que os nossos colegas brasileiros são bastante mais criativos e que a multiplicidade de termos para designar o profissional da informação atinge uma quantidade verdadeiramente espantosa, como se pode ver da transcrição integral dessa lista, que segue abaixo:

NOVO NOME PARA O BIBLIOTECÁRIO¹³

Administrador da Informação
 Administrador do Conhecimento
 Administrador dos Recursos Informacionais
 Agente da Informação
 Agente do Conhecimento
 Agoracientista
 Agoratecário
 Analista da Informação
 Analista da Literatura
 Analista do Conhecimento
 Arquiteto da Informação
 Arquiteto do Conhecimento
 Bibliocientista
 Bibliodocumentafólogo
 Bibliodocumentalista
 Bibliofólogo
 Biblioinformatólogo
 Bibliotecário
 Biblioteconomista
 Bibliotecônomo
 Bibliotefólogo
 Ciberonauta
 Ciberotecário
 Cibertecário
 Cientista da Documentação
 Cientista da Informação
 Cientista da Literatura

Cientista do Conhecimento
 Cientólogo
 Cientotecário
 Conselheiro da Informação
 Conselheiro do Conhecimento
 Coordenador de Informação
 Criptólogo
 Designer da Informação
 Designer do Conhecimento
 Documentador
 Documentafólogo
 Documentalista
 Documentarista
 Documentocientista
 Documentólogo
 Engenheiro do Conhecimento
 Engenheiro da Informação
 Especialista da Informação
 Especialista do Conhecimento
 Especialista em Documentação
 Gerenciador da Informação
 Gerenciador do Conhecimento
 Gerente da Informação
 Gestor da Informação
 Gestor do Conhecimento
 Infonavegador
 Infobibliotecário
 Infocibernauta
 Infocientista
 Infocientólogo
 Infocientólogo
 Infodocumentalista
 Infodocumentólogo
 Infomediário
 Infonauta
 Informacientista
 Informatista
 Informatólogo
 Infotecnólogo
 Infotecário
 Infotradutor
 Intermediário da Informação
 Intermediário do Conhecimento
 Interprete da Informação
 Mediador da Informação
 Mediador do Conhecimento
 Mediatecário
 Mediatólogo
 Multiinfomediário
 Multimediário
 Profissional da Informação
 Profissional do Conhecimento
 Técnico em Informação e Documentação
 Tecno-cientista da Informação
 Tecno-cientista do Conhecimento
 Tecnólogo da Informação
 Tecnólogo do Conhecimento

Desta panóplia de termos há que tirar algumas ilações ou, pelo menos, colocar algumas questões. Antes de mais, porquê tal quantidade de designações? Haverá assim tantas diferenças ou especificidades, do ponto de vista ontológico, no exercício da profissão que justifiquem nomes diversos? Cada designação corresponde a uma profissão ou apenas a uma diferença específica, resultante do contexto onde é exercida e das funções/actividades

que são desempenhadas? Se assim é, não deveria haver um termo genérico único, designativo desta profissão, embora passível de ser adjectivado ou acrescentado de algum modificador quando fosse necessário explicitar a tal diferença específica? Quais são os fundamentos do saber que subjaz a esta profissão?

Sabemos que este exercício profissional é milenar e que foi, desde sempre, uma prática “natural” pelo simples facto de que a produção da informação é inerente à condição humana e social e que a necessidade do uso dessa mesma informação ditou inevitavelmente a existência de processos de armazenamento, organização e representação como meios para tornar exequível a sua recuperação e acesso. E sabemos, também, que esta prática foi evoluindo, se complexificou à medida que a própria sociedade também se tornou mais estruturada e se adaptou às diferentes tecnologias de produção, uso e comunicação da informação. A prática precedeu, portanto, a reflexão e a teorização e acabou guiando um “saber fazer” que se foi apurando, especialmente nos seus aspectos técnicos. Não será esta babilónia de designações para os múltiplos perfis do profissional um resultado óbvio do saber empírico que tem guiado esta área? Deixamos a possível resposta a estas questões para o ponto seguinte...

Se no que respeita à profissão e aos perfis profissionais a situação é de diversidade, indefinição e ambiguidade, quanto à formação e aos modelos de cursos e *curricula* o panorama não é muito diverso. Também impera a falta de regra, a multiplicidade de cursos e modelos formativos e uma desigualdade enorme no que toca aos conteúdos curriculares, sendo muito diversa a situação de cada país. O estudo publicado há meses na revista *Cadernos BAD*, da autoria de Ana Azevedo¹⁴, é um bom indicador para se detectar a variedade da formação oferecida. Procurando agrupar os cursos em função dos seus conteúdos, a autora estabeleceu treze categorias, correspondendo naturalmente às próprias designações dos cursos, mas a partir desse elenco pode verificar-se que as categorias traduzem, por um lado, diferentes áreas de especialidade, mas, por outro lado, sobrepõem-se em grande parte¹⁵, não fazendo sentido a diferença de designações.

As categorias enunciadas por Ana Azevedo apresentam-se na primeira coluna do quadro que se segue e, em paralelo, reordenámo-las criando um primeiro grupo (a negro) com as de carácter geral e um segundo com as de especialização:

<i>Categorização de Ana Azevedo</i>	<i>Reordenação em áreas gerais e específicas</i>
Arquivologia	Biblioteconomia e Informação
Biblioteconomia e Informação	Documentação e Informação
Bioinformação	Estudos/Ciência da Informação
Documentação e Informação	Gestão do Conhecimento
Estudos/Ciência da Informação	Gestão da Informação
Gestão do Conhecimento	Arquivologia

Gestão da Informação	Bioinformação
Informação Científico-Técnica	Informação Científico-Técnica
Informação Electrónica	Informação Electrónica
Informação Empresarial	Informação Empresarial
Informação para a Saúde	Informação para a Saúde
Sistemas de Informação	Sistemas de Informação
Sistemas de Publicação	Sistemas de Publicação

A subdivisão em dois grupos, que efectuámos, leva-nos a formular algumas perguntas. Será que as áreas que considerámos como “de especialidade” pressupõem (ou impõem) que os formandos obtiveram uma formação prévia de carácter geral? Que diferenças de fundo se podem traçar entre “Biblioteconomia e Informação”, “Documentação e Informação” e “Estudos ou Ciência da Informação”? Serão uns cursos mais práticos/técnicos e outros mais de pendor teórico? A que se deve a multiplicidade de designações? Há algum fundamento para tantas distinções?

Tal como nos perfis profissionais, também na formação há que perceber os porquês da confusão e da variedade de situações. Há justificação epistemológica para tanta nomenclatura? Ou será que, também aqui, se vê o resultado de a formação andar a reboque da profissão, procurando ajustar-se aos novos problemas que vão surgindo (mas sempre de uma forma atabalhoada, porque tardia) e sempre querendo dar resposta às necessidades que a prática vai colocando no dia a dia?

A resposta que pensamos poder ser dada a estas e outras questões também será objecto da abordagem no ponto que se segue...

2. UM MODELO FORMATIVO POLIÉDRICO PARA O PROFISSIONAL DO SÉCULO XXI

O *European Council of Information Associations* (ECIA) sentiu necessidade de elaborar no âmbito do Projecto DECIDoc, iniciado em 1998, o *Referencial das competências dos profissionais europeus de informação e documentação*, cuja versão francesa saiu a público em 1999 e foi transposta para português em 2001¹⁶. Trata-se de um instrumento concebido com o intuito claro de intervir de forma orientadora num sector expansivo e excessivamente heterogéneo como ficou evidenciado no ponto anterior. É, de facto, impressionante e significativa a diversidade de designações e de ocupações/tarefas recenseáveis através da informação disponível!...

O ECIA visou actuar em três eixos: *O primeiro respeita às competências dos profissionais do sector: trata-se de identificá-las, de analisar o seu conteúdo e condições de aplicação e, no fim de contas, de estabelecer um quadro lisível (...)* *O segundo eixo respeita aos mecanismos através dos quais os profissionais poderão ser reconhecidos pelos utilizadores dos seus serviços, pelas entidades empregadoras e pela sociedade no seu conjunto. Os procedimentos de certificação dos níveis de competência estão já operacionais em alguns países (...)*

o objecto do terceiro eixo, que visa propor novos objectivos de formação e que irá explorar a viabilidade do ensino à distância, acessível em várias línguas europeias na Internet¹⁷. Depreende-se destes objectivos uma concepção dominante: a profissão em análise, a da Informação e Documentação, define-se pela sua missão fundamental de pesquisar, tratar, produzir e difundir informação – incorporando valor acrescentado – com vista a satisfazer as necessidades de informação, expressas ou não, de um público-alvo e propondo recursos informativos, geralmente constituídos por "documentos" (textos, imagens, sons). Uma concepção sujeita, hoje, à imparável decomposição profissional numa miríade de ocupações, cada vez mais numerosas e diferenciadas, à medida que a procura se diversifica e que o inventário das tecnologias aplicáveis se alarga¹⁸.

Neste *Referencial europeu* as competências são entendidas como o conjunto de capacidades necessárias ao exercício de uma actividade profissional e o domínio dos comportamentos necessários. Os componentes são os conhecimentos (saber e saber-fazer) e as aptidões (designadas como saber-ser). A distinção entre os conhecimentos implicados permite enumerar os domínios nos quais a competência pode ser exercida¹⁹. Vale sobretudo a pena destacar, em quadro, os domínios de competências (decompostos e detalhados entre as p. 9 e 38) nos seus quatro grupos (ver **Anexo 1**). E lembrar ainda o elenco das aptidões consideradas necessárias para o exercício dessa profissão: faculdade de adaptação; espírito de análise; sentido de antecipação; capacidade de comunicação; espírito crítico; espírito de curiosidade; espírito de decisão; capacidade de ouvir; espírito de equipa; espírito de iniciativa; sentido de organização; sentido pedagógico; perseverança; rigor; e espírito de síntese²⁰.

Pelo que fica sumariamente exposto é visível a importância do *Referencial* como instrumento superador de distinções meramente corporativas (é o caso da "guerrilha" mais ou menos surda entre bibliotecários e arquivistas...) e orientador da prática profissional diária e da base modeladora dos programas de formação contínua ou formação em exercício, que, como atrás foi referido, esteve desde sempre ligada às carreiras de bibliotecário e arquivista – a aprendizagem nos locais de trabalho e o aperfeiçoamento profissional com a prática até à aposentação ou morte. Situação que atinge em França o expoente máximo²¹, permanecendo, ainda hoje, um forte peso das associações profissionais no processo formativo e, consequentemente, uma variedade e uma fragmentação de cursos e de profissões mais ou menos autonomizadas, apesar de se sobrepor muitas das respectivas competências!

Este aspecto é significativo e exige uma reflexão crítica e ponderosa: as exigências formativas variam não apenas com a profissão, mas também com os desafios que a profissão consegue ou não aceitar. Se a fasquia subir para além de um nível operacional bastante confinado aos ensinamentos da prática profissional pode não ser urgente, como não o foi durante décadas, colocar a questão de uma formação científica a montante enformadora da actividade profissionalizante. Mas o quadro sócio-económico, tecnológico, político-

institucional e cultural da segunda metade do século XX sofreu tantas e tão rápidas alterações que a área da Informação e da Documentação não podia ficar-lhe imune. E o alcance dessas alterações, o impacto que elas acabam por ter no profissional da informação, com relevo especial para o incremento rápido e em curso vertiginoso das Tecnologias da Informação e Comunicação, é de tal ordem que o mencionado *Referencial europeu* torna-se tão útil, quanto insuficiente e difuso. É que as competências e as aptidões nele fixadas são aplicáveis a um elenco vasto de diversas profissões, assim como se aceitam como inerentes à postura e desenvoltura de um cientista social.

Surge, por isso, um problema que não deve ser escondido ou evitado: qual a formação académica dos profissionais europeus de informação e documentação? Devem ter uma formação académica? E esta justifica-se?

Sabemos que as opiniões se dividem prolongando ainda o impasse, mas talvez o consenso seja mais simples e óbvio do que à primeira vista parece: passará, afinal, por distinguir duas modalidades de intervenção teórico-prática, sendo uma de matriz essencialmente técnica – um fazer mediante rotinas padronizadas e sistemáticas que convocam algumas aptidões pessoais como a organização, a paciência, a perseverança, o rigor, a atenção ao detalhe ínfimo, o cuidado com a limpeza e a arrumação/ordem – e outra de nível mais compreensivo e explicativo – um saber fazer fundado no estudo e na pesquisa mono, inter e multi-disciplinar, tomando as Ciências Sociais como eixo central e ponto de derivação para cruzamento com outras disciplinas científicas. Seguindo, pois, esta orientação temos de remeter a formação média, sempre possível e até aconselhável, para um nível técnico-profissionalizante que está previsto possa ser assegurado pelas Escolas Profissionais ou às Escolas do Ensino Secundário, enquanto às Universidades e aos Politécnicos cabe oferecer uma formação científica com um tipo de quesitos que transcendem as meras competências e aptidões contidas no *Referencial europeu*.

A distinção entre as duas modalidades de intervenção permite, afinal, perceber a estreiteza deste instrumento orientador, porque ele só faz sentido dentro do paradigma tecnicista que tem modelado a actividade e o discurso tecido ao longo de décadas de uma prática biblioteconómica e arquivística cingida a um naipe reduzido e inalterável de procedimentos de ordenação e de custódia de livros/documentos em espaços físicos (edifícios adaptados ou próprios) e institucionais vocacionados para um serviço cultural e público. Uma prática que viria a desdobrar-se, durante o século XX, em variantes mais adequadas às necessidades e às especificidades de organizações públicas e privadas actuantes nos mais diversos sectores, imersas num fluxo informacional caudaloso e obrigadas a controlá-lo e a geri-lo através de novas soluções técnicas e tecnológicas e de uma emergente compreensão do valor estratégico da informação. Situação actualíssima nos mais diversos países e continentes que exige uma perspectiva sintética articuladora de diferentes paradigmas através de um modelo poliédrico (diverso e uno, integrado e flexível) de formação baseado nos seguintes pontos:

1º Não são só as Bibliotecas Públicas, as Bibliotecas Especializadas e os Arquivos Municipais, Distritais, Municipais e Nacionais que carecem de Técnicos Profissionais habilitados com 12º ano e uma formação técnico-profissional onde as aptidões e as competências tipificadas no *Referencial europeu* são plenamente valorizadas. Este tipo de formação, a que não pode hoje faltar um adequado treino informático e o recurso ao *e-learning*, responde a exigências práticas que a gestão da informação (em sentido lato e transversal a todos os sectores da actividade humana e social) coloca e colocará cada vez mais. Além de que não pode deixar de ser assegurada por especialistas (professores ou formadores) preparados a nível universitário ou politécnico com graduação e/ou pós-graduação.

2º A gestão da informação é hoje um conceito amplo que abarca inúmeras frentes e só atende aos desafios que a cercam se sustentada por profissionais com formação académica, a nível da Licenciatura, em Ciência da Informação (e Comunicação) e com progressão aberta para Mestrado e Doutoramento. É este o figurino da Licenciatura em Ciência da Informação (C. I.) leccionada, desde 2001, na Faculdade de Letras em parceria com a Faculdade de Engenharia, ambas da Universidade do Porto, cuja fundamentação epistemológica foi previamente discutida e fixada²². Trata-se de uma proposta que visa conferir à C. I. uma condição paradigmática clara e sólida, imune quer ao equívoco, aliás persistente, em considerá-la uma mera interdisciplina, uma metaciência ou tão só uma especialização científica centrada na informação processada pelas novas tecnologias, quer ao risco de erguê-la a partir do desenvolvimento natural e prático de velhas e novas profissões relacionadas directamente com a área da Informação e Documentação, sem investimento sério e profundo nos problemas ontológico (o que é a Informação? é um fenómeno humano e social? em caso afirmativo, é totalmente redutível à cognição e a outras faculdades psicossomáticas, ao conhecimento explícito, à cultura e ao património? e, no caso de não ser redutível, quais as implicações filosóficas e científico-técnicas da complexidade humana e social patente no fenómeno/processo info-comunicacional?) e epistemológico (como conhecer esse fenómeno humano e social? quais as condições fundadoras de uma C. I. com inquestionável identidade teórico-metodológica e, ao mesmo tempo, uma fácil projecção inter e multidisciplinar dentro e fora do campo das Ciências Sociais?).

3º O primado de uma investigação orientada pelo paradigma holístico (pólo epistemológico do método quadripolar da C. I.), ou seja, o fenómeno/processo info-comunicacional é restituído à sua plena integridade ontológica (postulada pelos construtivistas, seguidores de Jean Piaget, de Edgar Morin e de outros autores-referência) que a generalidade das outras Ciências Sociais e Humanas tendem a segmentar²³, é a chave que abre o futuro promissor à panóplia de profissões consteladas em torno do objecto-cerne fixado pela definição que Harold Borko retocou em 1968: *disciplina que investiga as propriedades e o*

*comportamento da informação, as forças que regem o fluxo informacional e os meios de processamento da informação para a optimização do acesso e uso. Está relacionada com um corpo de conhecimento que abrange a origem, colecta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação*²⁴.

4º A fecunda participação da C. I., tal como surge na referida proposta, em projectos de pesquisa teórico-aplicada com relevância para o campo, também emergente, das Ciências da Comunicação, das Ciências Cognitivas e dos Sistemas Tecnológicos de Informação, é vital para a consolidação e expansão consistente do modelo poliédrico aqui apenas esboçado.

Um modelo que podemos sintetizar num diagrama genérico passível de posteriores desenvolvimentos (ver **Anexo 2**).

Com esta esquematização pretendemos, enfim, sublinhar que só pode haver profissões de sucesso na área da Informação e Documentação, para usarmos a expressão usada no *Referencial europeu*, se forem balizadas por uma formação de nível científico superior e pós-graduado capaz de desenvolver um campo de estudo teórico-prático próprio e de fecundas relações interdisciplinares em múltiplas esferas de abordagem. Um campo de referência permanente para as mais diversas acções de formação inclusive as dirigidas para a preparação profissionalizante de Técnicos Profissionais habilitados com o 12º ano de escolaridade.

Concebemos, assim, uma formação poliédrica porquanto ela parte de um bloco unitário com diferentes facetas articuladas e complementares entre si. Unidade e diversidade parecem ser a “receita” adequada para o profissional da Informação que tem de enfrentar os desafios imensos e imprevisíveis do século XXI que já chegou.

¹ Sobre a evolução da formação profissional, desde o século XIX até à actualidade, ver a síntese elaborada pelos autores em: SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda – *Das "Ciências" Documentais à Ciência da Informação : ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto : Edições Afrontamento, 2002. (Biblioteca das Ciências do Homem. Plural; 4). ISBN 972-36-0622-4. cap. 4.

² PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – [Decreto de 29 de Dezembro de 1887]. *Diário do Governo*. Lisboa. 3 (4 Jan. 1888) artº 13º, p. 19. A caracterização deste modelo formativo e sua estreita ligação à História e à Cultura foi objecto de um trabalho a publicar, em breve, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, numa colectânea de estudos em homenagem ao Prof. Doutor José Marques: RIBEIRO, Fernanda – *O Ensino da Paleografia e da Diplomática no Curso de Bibliotecário-Arquivista* (no prelo).

³ Sobre o assunto, ver: FAYET-SCRIBE, Sylvie – The Cross-fertilization of the U. S. public library model and the French documentation model (IIB, French correspondent of FID) through the French professional associations between World War I and World War II. *JASIS – Journal of the American Society for Information*

Science. New York. ISSN 0002-8231. 48:9 (Sept. 1997) 782-793; CACALY, Serge; LAHARY, Dominique – Associations professionnelles françaises. In *Dictionnaire encyclopédique de l'information et de la documentation*. Dir. Serge Cacaly. Paris : Éditions Nathan, 1997. ISBN 2-09-190528-3. p. 49-53.

⁴ A propósito da actividade da SAA em matéria de formação, ver, por exemplo: DURANTI, Luciana – The Society of American Archivists and graduate archival education: a sneak preview of future directions. *The American Archivist*. Chicago. ISSN 0360-9081. 63:2 (Fall/Winter 2000) 237-242.

⁵ Abriu oficialmente em 1887 na School of Library Economy.

⁶ Ver: SILVA, Armando Malheiro da [et al.] – *Arquivística : teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto : Edições Afrontamento, cop. 1998. (Biblioteca das Ciências do Homem. Plural; 2). ISBN 972-36-0483-3. vol. 1. p. 114-115.

⁷ A Universidade de Chicago inicia, em 1926, o primeiro curso a conferir um grau de especialização (Graduate Library School) e, dois anos depois, o primeiro programa de doutoramento.

⁸ Ver, por exemplo: SHERA, Jesse H.; CLEVELAND, Donald B. - History and foundations of Information Science. *Annual Review of Information Science and Technology*. Washington. 12 (1977) 249--275; WILLIAMS, Robert V.; WHITMIRE, Laird; BRADLEY, Colleen - Bibliography of the history of Information Science in North America, 1900-1995. *JASIS - Journal of the American Society for Information Science*. New York. ISSN 0002-8231. 48:4 (Apr. 1997) 373-379.

⁹ Um estudo recente, publicado no Brasil, sintetiza bem toda esta problemática e indica a principal produção bibliográfica sobre o assunto, pelo que pode servir de referência de base para ilustrar o chamado “estado da arte”: *O Profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional*. Org. Marta Lígia Pomim Valentim. São Paulo : Editora Polis, 2000. ISBN 85-7228-011-1. Veja-se, também, a este propósito, um dos últimos números da revista *Educación y Biblioteca*, coordenado por Carlos Tejada Artigas e dedicado ao tema *Estudiando Biblioteconomía y Documentación: formación universitaria y desarrollo profesional*, onde é referenciada a mais actual literatura especializada sobre o tema: *Educación y Biblioteca*. ??? 15:37 (Sept.-Oct. 2003). ISSN ???

¹⁰ Para além das intervenções e discussões no âmbito de diversos congressos BAD, a Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas promoveu, em 1997, uma primeira conferência sobre “Formação e carreiras BAD” (Braga, 4 e 5 de Dezembro) e tem em preparação um segundo encontro sobre a matéria. A Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 6 de Julho de 1995, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 12 a 14 de Março de 1996 e a Universidade Autónoma de Lisboa, em 25 e 26 de Maio de 1988, também promoveram jornadas de discussão sobre o modelo formativo e, logo, sobre o perfil do profissional da informação. A estas iniciativas devem ainda acrescentar-se, obviamente, mesas-redondas e debates promovidos no contexto de encontros sobre temáticas mais abrangentes, mas que dedicam um espaço específico

à formação profissional.

¹¹ Numa amostra constituída por 20 sites, 5 revistas, 10 monografias relativas à temática da formação profissional, um jornal diário e um semanário, em que se analisaram os anúncios de empregos, durante o período de três meses, apenas seleccionámos as designações que surgiram mais do que 5 vezes.

¹² ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de – Profissional da informação: entre o espírito e a produção. In *O Profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional*. Org. Marta Lígia Pomim Valentim. São Paulo : Editora Polis, 2000. ISBN 85-7228-011-1. p. 31-51.

¹³ Segundo o autor, esta lista é uma compilação das “propostas que se pretendem mais adequadas para designar o perfil mais atual do profissional bibliotecário. Essas propostas foram retiradas de textos da literatura da área, de palestras a que tive a oportunidade de assistir ou que me foram relatadas por amigos e de indicações de colegas e alunos” (cf. ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de – Op. cit. p. 48-50).

¹⁴ AZEVEDO, Ana – A Oferta de formação a nível internacional. *Cadernos BAD*. Lisboa. ISSN 0007-9421. 1 (2003) 41-51.

¹⁵ A própria autora admite este facto quando justifica a inclusão da categoria “Sistemas de Informação”, dizendo: *Importa realçar que a categoria Sistemas de Informação apresenta-se nesta representação com pouco relevo. Decidiu-se incluí-la, mesmo assim, pelo facto de, nos casos apresentados, esta área aparecer em contextos institucionais de forte integração com as outras áreas, nomeadamente a de Biblioteconomia e Informação* (cf. AZEVEDO, Ana – Op. cit. p. 44).

¹⁶ EUROPEAN COUNCIL OF INFORMATION ASSOCIATIONS – *Referencial europeu de informação e documentação: referencial das competências dos profissionais europeus de informação e documentação*. Lisboa : INCITE, 2001. ISBN 972-98747-1-9.

¹⁷ EUROPEAN COUNCIL OF INFORMATION ASSOCIATIONS – Op. cit. p. 2

¹⁸ EUROPEAN COUNCIL OF INFORMATION ASSOCIATIONS – Op. cit. p. 1.

¹⁹ EUROPEAN COUNCIL OF INFORMATION ASSOCIATIONS – Op. cit. p. 3.

²⁰ Cf. EUROPEAN COUNCIL OF INFORMATION ASSOCIATIONS – Op. cit. p. 39.

²¹ Ver: OVAL, Isabelle – *Les Métiers de la documentation et des bibliothèques*. [S. l.] : L'Étudiant, 2002.

²² Ver: SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda – Op. cit.

²³ As Ciências Cognitivas preocupam-se com a interacção mente/meio, a Linguística estuda em profundidade a linguagem e o código linguístico, a Semiótica o sentido, a Sociologia da Comunicação a problemática da partilha interpessoal, grupal e social de sentidos, etc., etc.

²⁴ Cf. por: SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda – Op. cit., p. 53.

ANEXO 1

Grupo A - Conhecimentos específicos de Informação e Documentação

- E01 - Interacção com utilizadores e clientes
- E02 - Conhecimento do meio profissional
- E03 - Conhecimento do quadro jurídico e administrativo europeu da gestão da informação
- E04 - Identificação e validação das fontes de informação
- E05 - Gestão das colecções e dos fundos
- E06 - Tratamento físico dos documentos
- E07 - Análise e representação da informação
- E08 - Organização e actualização da informação
- E09 - Pesquisa de informação
- E10 - Apresentação e disponibilização da informação

Grupo B - Competências relativas à Comunicação

- E 11 - Comunicação oral
- E 12 - Comunicação escrita
- E 13 - Prática de uma língua estrangeira
- E 14 - Comunicação através da imagem e do som
- E 15 - Comunicação interpessoal
- E 16 - Comunicação institucional
- E 17 - Tecnologias da informação: informática
- E 18 - Tecnologias da informação: telecomunicações
- E 19 - Técnicas de produção e de edição

Grupo C - Competências relativas à Gestão e à Organização

- E20 - Técnicas de secretariado
- E 21 - Técnicas de marketing
- E 22 - Técnicas comerciais
- E 23 - Técnicas de aprovisionamento
- E 24 - Técnicas de gestão micro-económica
- E 25 - Técnicas de instalação, acondicionamento, equipamento
- E 26 - Técnicas de planificação e de gestão de projecto
- E 27 - Técnicas de diagnóstico e de avaliação
- E 28 - Técnicas de gestão de recursos humanos
- E 29 - Engenharia de formação

Grupo D - Outros conhecimentos aplicados à Informação e Documentação

- E 30 - Outros conhecimentos úteis à gestão da informação

ANEXO 2

